

INTOLERÂNCIA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: BREVES REFLEXÕES

Anna Maria Penalva Mancini¹
Ana Flavia Castilho de Souza Vitorino²

Resumo:

No início do ano de 2020, em fevereiro, constatou-se a existência de um vírus altamente contagioso, o Novo Coronavírus (SARS-CoV-2), que se alastrou por todo os países, provocando uma Pandemia. Diante desse fenômeno, as aulas da Universidade Federal de Mato Grosso foram suspensas na modalidade presencial, passando para a modalidade remota. Nessa perspectiva, um grupo de professores se reuniu para propor um Projeto de Extensão objetivando refletir e discutir alguns temas, a fim de subsidiar a compreensão deste fenômeno, em âmbito diversos. A ação extensionista “Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais”, do Campus Universitário do Araguaia/UFMT, foi realizada no segundo semestre do ano de 2020, por meio remoto. Dentre os módulos ofertados, um deles foi sobre “Intolerância nas relações interpessoais em tempos de Pandemia”. Este módulo proporcionou discussões e reflexões sobre comportamentos de intolerância no decorrer do desenvolvimento da humanidade, bem como, neste momento Pandêmico, atingindo milhares de pessoas no Brasil e no mundo. O público alvo desta ação foi composto de pessoas de vários Estados da Federação, que manifestaram interesse em participar deste projeto. Para balizar os estudos, foram pesquisados autores que trabalham com a perspectiva histórica e psicológica das ações de intolerância, tais como Fuks (2007), Selaibe (2009), entre outros. A partir das discussões realizadas, observou-se que ações intolerantes estão presentes em nosso cotidiano e, para minimizar esses comportamentos, faz-se necessário refletir e nos conscientizar psicológica e socialmente para que a humanidade se relacione de uma forma mais harmônica.

Palavras-chave:

Intolerância. Relações Interpessoais. Pandemia da Covid-19.

INTOLERANCE IN INTERPERSONAL RELATIONSHIPS IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC: BRIEF REFLECTIONS

Abstract:

At the beginning of the year 2020, more precisely in February, the existence of a highly contagious virus, the New Coronavirus (SARS-CoV-2), was found, which spread throughout the countries, causing a Pandemic. In view of this phenomenon, classes at the Federal University of Mato Grosso were suspended in person, starting to be held in remote mode. In this perspective, a group of teachers met to propose an Extension Project in order to reflect and discuss some themes, in order to subsidize the understanding of this phenomenon, at different levels. The extension action “Education in times of pandemic: contributions from Human and Social Sciences”, from the Araguaia University Campus / Federal University of Mato Grosso, was carried out in the second half of 2020, by remote means. Among the modules offered, one of them was about “Intolerance in interpersonal relationships in times of Pandemic”. This module provided discussions and reflections on intolerance behaviors during

¹ Professora do Curso de Letras – CUA/UFMT. Mestrado em Educação pela UFMT.

² Graduada em Pedagogia pela UNIVAR, com Pós-Graduação em Educação Infantil pela UNOPAR.

the development of humanity, as well as, at a time when the Pandemic is becoming more serious every day, reaching thousands of people in Brazil and in all countries. The target audience of this action was made up of people from several States of the Federation, who expressed interest in participating in this project. To guide the studies, authors were researched who work with the historical and psychological perspective of intolerance actions such as Fuks (2007), Selaibe (2009), among others. From the discussions held during the meetings, it was observed that intolerant actions are very present in our daily lives and, to minimize these behaviors, it is necessary to reflect and make us psychologically and socially aware so that humanity can relate to each day in a more harmonic way.

Palavras-chave:

Intolerance. Interpersonal Relations. Covid-19 Pandemic.

LA INTOLERANCIA EN LAS RELACIONES INTERPERSONALES EN TIEMPOS DE PANDEMIA DEL COVID-19: BREVE REFLEXIONES

Resumen:

A principios del año 2020, más precisamente en febrero, se constató la existencia de un virus altamente contagioso, el Nuevo Coronavirus (SARS-CoV-2), que se extendió por los países provocando una Pandemia. Ante este fenómeno, las clases en la Universidad Federal de Mato Grosso fueron suspendidas presencialmente, comenzando a realizarse en modo remoto. En esta perspectiva, un grupo de docentes se reunió para proponer un Proyecto de Extensión con el fin de reflexionar y discutir algunos temas, con el fin de subsidiar la comprensión de este fenómeno, en diferentes niveles. La acción de extensión “Educación en tiempos de pandemia: aportes de las Ciencias Humanas y Sociales”, del Recinto Universitario Araguaia / Universidad Federal de Mato Grosso, se realizó en el segundo semestre de 2020, por vía remota. Entre los módulos ofrecidos, uno de ellos fue sobre “Intolerancia en las relaciones interpersonales en tiempos de Pandemia”. Este módulo brindó discusiones y reflexiones sobre los comportamientos de intolerancia durante el desarrollo de la humanidad, así como, en un momento en que la Pandemia se agrava cada día más, llegando a miles de personas en Brasil y en todos los países. El público objetivo de esta acción estuvo integrado por personas de varios Estados de la Federación, quienes manifestaron interés en participar en este proyecto. Para orientar los estudios se investigaron autores que trabajan con la perspectiva histórica y psicológica de acciones de intolerancia como Fuks (2007), Selaibe (2009), entre otros. A partir de las discusiones mantenidas durante los encuentros, se observó que las acciones intolerantes están muy presentes en nuestra vida diaria y, para minimizar estas conductas, es necesario reflexionar y concienciarnos psicológica y socialmente para que la humanidad pueda relacionarse con cada día de una manera forma más armónica.

Palabras clave:

Intolerancia. Relaciones interpersonales. Pandemia de Covid-19.

Introdução

No início do ano de 2020, a humanidade se deparou com uma situação que causou e ainda tem causado muitos transtornos na vida pessoal, emocional, econômica, educacional e profissional em todos os países: a Pandemia da Covid-19.

Diante disso, a Universidade Federal de Mato Grosso, por meio do Comitê da Covid-19, decidiu flexibilizar as atividades acadêmicas e estas passaram a ser na modalidade remota. Nessa perspectiva, um grupo de professores do Campus Universitário do Araguaia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, elaborou um Projeto de Extensão: “Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais” com a finalidade de discutir e refletir sobre a Pandemia da Covid-19 e seus impactos em várias dimensões. Um dos temas trabalhados nessa ação extensionista foi a “Intolerância nas relações interpessoais em épocas de pandemia”.

O interesse pelo tema se deu em virtude de observarmos que, historicamente, durante o processo de desenvolvimento da humanidade, em inúmeros momentos, presencia-se comportamentos de intolerância, tanto em nível individual, como também em grupos sociais e, na atualidade, a intolerância nas relações interpessoais tornou-se emblemática nas sociedades, devido à Pandemia da Covid-19 que, inicialmente, o vírus era totalmente desconhecido pelas sociedades científicas e, sendo assim, não existia tratamento, o que causou um temor das pessoas em se contaminar.

Nessa situação, ocorrem sentimentos diversos nas pessoas tais como, tristeza, ansiedade, depressão e, muitas vezes, reações de intolerância nas suas relações. A intolerância é parte do processo de civilização da humanidade, desde os tempos mais remotos. Segundo Selaibe (2009), a tolerância, como admissão do direito à diferença, é uma conquista do processo civilizatório e é característica do Ocidente, e fruto do Iluminismo.

Passado um ano em que a pandemia da Covid-19 foi detectada, vários medicamentos e vacinas foram criados, após vários estudos e experiências pelos laboratórios científicos, no intuito de minimizar a contaminação em massa.

Considerando que a intolerância nas relações interpessoais, em épocas de Pandemia, tornou-se um tema relevante para discussão, este artigo organiza-se da seguinte forma: inicialmente, faz-se a conceituação e historicidade, de forma breve, sobre o termo Intolerância; seguido de uma visão panorâmica da Pandemia da Covid-19 e alguns dos seus reflexos. Após, apresenta-se uma situação de intolerância ocorrida em uma cidade do interior do Estado de Mato Grosso. Por fim, as considerações finais, que refletem sobre o tema em

foco e seus impactos causados na vida das pessoas e sociedades, ressaltando o processo educacional como uma das vias possíveis de discutir e refletir a respeito das intolerâncias nas relações interpessoais, a fim de que possamos constituir sujeitos voltados para a prática do bem.

Para a realização deste estudo, em forma de artigo científico, o método de pesquisa foi qualitativo, com a coleta de dados em meios bibliográficos, físicos e online.

Intolerância: conceituação e aspectos históricos

De acordo com a Psicologia e a Sociologia, podemos definir **Relacionamento Interpessoal** como a ligação, conexão ou vínculo entre duas ou mais pessoas dentro de um determinado contexto. Este, por sua vez, pode ser o ambiente de trabalho, familiar, social, religioso, amoroso ou educacional, por exemplo. Neste sentido, segundo o psiquiatra austríaco Sigmund Freud, citado por Fuks (2007), considerado o pai da Psicanálise, o homem é, em sua essência, um ser relacional. Isso quer dizer que eu, você e as pessoas ao nosso redor temos esta característica nata.

No decorrer do desenvolvimento da humanidade, a intolerância nas relações interpessoais sempre esteve presente. No entanto, conforme Fuks (2007), o termo intolerância passa a ser citado e utilizado a partir do século XVI:

No decorrer das guerras religiosas do século XVI, a urgência de estabelecer parâmetros mínimos de convivência entre católicos e protestantes determinou a criação do termo tolerância (e correlativamente o de intolerância). Aos poucos, a hostilidade da fé começa a ceder espaço à experiência do viver mais de acordo com os sentidos da palavra tolerância – respeito pela opinião de outrem, delicadeza e cuidado para com o outro e consideração à liberdade de pensamento e da fé (FUKS, 2007).

Nesse sentido, o reconhecimento do outro, das suas opiniões, da sua forma de viver e de sua religiosidade obriga a tomada de uma posição ética capaz de fazer frente à violência do racismo, da xenofobia e do sexismo e outras formas hodiernas da intolerância do mesmo (FUKS, 2007).

Nesse contexto, é importante aprofundarmos a compreensão sobre o que é o fundamentalismo. Segundo Alex Kiefer (2018), o fundamentalismo é resultado de uma interpretação equivocada que os fiéis fazem dos livros sagrados de sua religião. Hoje,

fala-se muito do fundamentalismo islâmico, que está associado a casos de violência e até terrorismo, mas a perseguição religiosa não é uma prática restrita a uma ou outra religião.

O fundamentalismo religioso está mais evidente, a cada dia que passa, nas religiões durante todas as épocas da história da humanidade. Os fundamentalistas são os mais conservadores e literais seguidores de uma religião.

Fundamentalismo religioso é o termo usado para se referir à crença na interpretação literal dos livros sagrados. Fundamentalistas são encontrados nas mais diversas religiões e pregam que os dogmas de seus livros sagrados sejam seguidos à risca. O termo surgiu no começo do século XX nos EUA, quando protestantes determinaram que a fé cristã exigia acreditar em tudo que está escrito na Bíblia (SCHIMDT, 2009).

Segundo Carvalho (2018) a história da intolerância religiosa é uma história de séculos. No Império Romano os católicos foram perseguidos. Na Idade Média, católicos perseguiram judeus e pagãos. No Brasil, os portugueses não aceitavam as crenças religiosas dos índios e os catequizaram e, no período da escravidão, proibiam os negros de cultuar seus deuses.

Nesse sentido, Schmitt (2014) afirma que grande parte dos movimentos da humanidade teve a religião como impulsora. A autora afirma que diversas guerras tiveram legitimação religiosa, sociedades se estruturaram e foram definidas por meio da religião. Para a autora,

Parte do conhecimento nos âmbitos da ciência, filosofia e artes, foram orientados por grupos religiosos, os quais, em grande parte, estiveram ligados ao poder político e social. A oratória utilizada por grande parte de sistemas religiosos, além da legitimação religiosa, busca o domínio de seu sistema sob os outros, criando cada vez mais situações intrigantes que enaltecem a intolerância para com os outros sistemas vigentes.

Seguindo o pensamento da autora acima, ela define intolerância como:

Intolerância vem do latim *intolerantia*, característica do que é intolerante ou repugnância. Ausência de tolerância ou falta de compreensão. Comportamento - atitude odiosa e agressiva - de caráter político ou religioso, daqueles que possuem diferentes opiniões, incomplacência e intransigência. “[...] é o resultado do conhecimento insuficiente de um assunto”.

Smalli (2016), em sua carta na “Revista Entre Teses”, da Unifesp, parafraseia Jean Paul Sarte, dizendo: inferno é o outro. O inferno, na perspectiva posta pelo filósofo e escritor francês, é construído pela recusa – não importam os motivos – em aceitar aquilo que diferencia os outros de nós: valores religiosos, culturais, étnicos, ideológicos, políticos e

morais. A não aceitação dos outros, marca distintiva da intolerância, estimula e propaga o ódio e a prática da violência.

Segundo Selaibe (2009) no século 19, Stuart Mill reforça, no âmbito geral de sua obra, a conotação positiva da tolerância. Ele atribui à tolerância um lugar de máxima importância para a sustentação do pluralismo de ideias, essencial ao desenvolvimento das sociedades: se os indivíduos são diversos entre si e se são soberanos sobre si mesmos, então a sociedade deve ser tolerante para bem funcionar.

Para essa autora:

Essa maneira de colocar a questão ressalta o pluralismo de . E o pluralismo de implica termos de conviver com com as quais discordamos, com modos de vida que não nos agradam: a escolha política, a sexualidade, a religião, os hábitos do vizinho, por exemplo... Pluralismo de ideias obriga ao compromisso de que nos momentos de conflito democrático, ainda assim, será mister respeitar o pluralismo. Colocarmo-nos sob a égide da tolerância nos compromete a não excluir o outro pelo que pensa ou por ser minoria; também quer dizer suportar as críticas e as discordâncias dos outros frente a nós. E, inclusive, o pluralismo traz em seu bojo a possibilidade lícita de mudarmos de e posições por considerações advindas de nosso foro íntimo – de maneira que implica a tolerância voltada para si mesmo (SELAIBE, 2009).

Não é objeto deste artigo aprofundar sobre todos os momentos históricos da humanidade em que a intolerância nas relações interpessoais esteve presente. Segundo Fuks (2007) no início do século XX, na mesma velha Europa das guerras religiosas, a intolerância ao outro, desta vez balizada pelo cientificismo da raça, começa a fazer o ruído que terminou emudecendo milhares de seres humanos em campos de extermínio.

Considerando o pressuposto do cientificismo da raça, faz-se necessário refletirmos, um pouco, sobre o nazismo.

O surgimento do nazismo aconteceu logo após a Primeira Guerra Mundial, em um momento em que a Alemanha estava arrasada e humilhada após esse conflito. A crise econômica e as duras imposições do Tratado de Versalhes fortaleceram o discurso nacionalista e extremista difundido por certas parcelas da sociedade alemã.

De acordo com Neves (s/d), o nazismo possuía princípios como o antibolchevismo, antiliberalismo, antisemitismo, militarismo, exaltação da guerra, entre outros. Os nazistas assumiram o poder em 1933, quando Hitler foi nomeado primeiro-ministro da Alemanha. A partir desse momento, Hitler impôs uma série de mudanças no país, recuperando a economia e implantando uma ditadura totalitária que perseguia seus opositores.

Para esse autor, as origens do nazismo estão, primeiramente, relacionadas com ideais extremistas que eram difundidos na sociedade alemã na virada do século XIX para o XX, como o nacionalismo extremado, exaltação da guerra como forma legítima de promover o desenvolvimento da nação, antissemitismo (aversão aos judeus), preconceito racial contra outras minorias, como os eslavos etc.

Nessa perspectiva, durante a Segunda Guerra Mundial, a intolerância atingiu o ápice nas relações humanas a partir da instituição do Nazismo na Alemanha, o que afetou a maioria dos países, levando à morte de milhares de judeus, conforme a figura abaixo que representa este momento no desenvolvimento da humanidade.

Figura 1 – Foto de um momento histórico da humanidade.



Fonte: Universocético.com

Após o término da Segunda Guerra Mundial, vários países se reuniram para elaborar a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, em 10 de dezembro de 1948, foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em Paris. O documento estabelece, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, religião ou qualquer outra condição, conforme artigos abaixo:

Artigo 1

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de

raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.
2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo 3

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.
(ONU. DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948)

Neste tópico que se encerra, foram feitas algumas reflexões sobre a intolerância, sob várias perspectivas. No próximo item, deste artigo, serão realizadas considerações sobre a Pandemia da Covid-19, enfocando, entre outras questões, mais especificamente, uma situação de intolerância, no contexto pandêmico, ocorrida em uma cidade do interior do Estado de Mato Grosso.

Sobre a Pandemia da Covid 19: algumas reflexões

A doença provocada pelo Novo Coronavírus 2019 (COVID-19) foi identificada pela primeira vez em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China e, em janeiro de 2020, a World Health Organization (WHO, 2020a) declarou-a como uma emergência em saúde pública de interesse internacional. Já, a esta altura a WHO (2020a) alertava para o fato de esta crise estar gerando estresse na população.

Pouco depois, em 11 de março, a epidemia COVID-19 passou a ser considerada uma pandemia pelo diretor-geral da Organização Mundial de Saúde, Tedros Adhanom Ghenreyesus, uma vez que a doença tinha provocado, até aquela data, mais de 118 mil infectados, em 114 países e 4.291 mortes (MAIA e DIAS, s/d).

Maia e Dias ainda afirmam que todas as pandemias são geradoras de forte impacto social, econômico e político. Basta lembrar, por exemplo, no contexto português, da pandemia de gripe de 1918-1919, conhecida em Portugal por “Pneumônica”. Esta revelou ser uma das mais mortíferas, tendo afetado uma em cada três pessoas em nível mundial, o que corresponde a cerca de 500 milhões de pessoas; em Portugal terá sido responsável pela morte de cerca de 2% da população (SOBRAL & LIMA, 2018). Se em 1918-1919 a prioridade não assentava em conhecer os efeitos psicológicos da pandemia, em 2020, além de todos os esforços da comunidade científica para se chegar à etiologia e ao tratamento da COVID-19, as respostas à questão têm sido várias e têm implicado áreas muito diversas do conhecimento.

A COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo Novo Coronavírus (SARS-CoV-2), e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves (OPAs. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAUDE- FOLHA INFORMATIVA DA COVID-19 s/d)

Ainda segundo a Organização Pan- Americana de Saude, a maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma, em cada seis pessoas infectadas por COVID-19, fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes. No entanto, qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente. O tempo entre a exposição à COVID-19 e o momento em que os sintomas começam (período de incubação) é geralmente de cinco a seis dias, mas pode variar de 01 a 14 dias.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde, as evidências disponíveis atualmente apontam que o vírus causador da COVID-19 pode se espalhar por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com pessoas infectadas através de secreções como saliva e secreções respiratórias ou de suas gotículas respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta. As pessoas que estão em contato próximo (a menos de 1 metro) com uma pessoa infectada podem pegar a COVID-19, quando essas gotículas infecciosas entrarem na sua boca, nariz ou olhos (OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN -AMERICANA DA SAÚDE. s/d).

Diante dessa situação, a Universidade Federal de Mato Grosso decidiu suspender as atividades acadêmicas presenciais e adotar o meio remoto para ministrar suas aulas e projetos que poderiam se adequar a esta modalidade, já que a contaminação deste vírus se dá de forma acelerada e exige que as pessoas fiquem em isolamento social e, se necessário mantenham um distanciamento e uso de máscaras para a sua proteção.

O Projeto de Extensão “Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais”, do Campus Universitário do Araguaia/ Universidade Federal de Mato Grosso, foi realizado no segundo semestre do ano de 2020, por meio remoto e teve como ministrantes os seguintes docentes: Anna Maria Penalva Mancini, Hildeberto de Sousa Ribeiro, Luiz Antônio Bitante Fernandes, Marilene Marzari, Odorico Ferreira Cardosos Neto,

Valéria Márcia de Queiroz e Mauricio Guedes, abordando temas diversos relacionados à Educação, Sociologia, Psicologia, Relações de Gênero e Educação no Campo.

Neste projeto de extensão, o Módulo de Intolerância e Relações Interpessoais em Época de Pandemia objetivou realizar discussões sobre comportamentos intolerantes em grupos sociais. Assim, na próxima parte deste artigo, trataremos, mais especificamente, de um fato ocorrido em cidade do interior de Mato Grosso, que se configura com um ato de intolerância no contexto pandêmico.

Intolerância nas relações interpessoais em época de Pandemia

O Caso

Este é um exemplo emblemático sobre a intolerância nestes momentos em que a pandemia do Novo Coronavírus se alastra, não só no Brasil, mas em todos os países. Foi noticiado por Vinícius Lemos, na BBC News Brasil, em São Paulo em 23 de junho de 2020. Para efeito de melhor compreensão, a notícia será apresentada literalmente, a seguir:

Irmãs decidem abandonar cidade após serem acusadas de espalhar Covid-19

Dalylla, Talytta e Samylla relatam que desde que receberam o diagnóstico do novo coronavírus passaram a sofrer preconceito em cidade no interior de Mato Grosso. Elas perderam a mãe e o avô para o Novo Coronavírus.

Em 11 de junho, as irmãs Dalylla Lopes, de 27 anos, Talytta, 22, e Samylla, 21, se mudaram de Alto Araguaia, cidade mato-grossense localizada na divisa com Goiás. Elas afirmam que deixaram a cidade em que nasceram para buscar um pouco de paz, em meio à maior tragédia da família, causada pelo Novo Coronavírus.

Seis dias antes, a mãe delas, Lígia Suely Lopes, de 42 anos, morreu em decorrência da covid-19. No fim de maio, as irmãs haviam perdido o avô materno, Joaquim de Oliveira, de 74 anos, para a mesma doença.

"Tem sido o período mais difícil das nossas vidas", resume Dalylla à BBC News Brasil. Ela contraiu a Covid-19 e se recuperou, assim como outros quatro familiares.

Os casos na família foram os primeiros diagnósticos de Covid-19 no município de 17,5 mil habitantes. Atualmente, mais de um mês depois, Alto Araguaia tem 23 casos confirmados e três mortes, incluindo as de Lígia e Joaquim.

Em meio à doença causada pelo Novo Coronavírus, a família passou a receber comentários e acusações nas redes sociais. "Disseram que fomos as responsáveis por levar o vírus para a nossa cidade. Recebemos muitas críticas. Isso tudo é muito triste", comenta Dalylla.

As irmãs relatam que as diversas críticas que recebem têm tornado o atual período ainda mais difícil. "Estamos vivendo à base de remédios para dormir. A nossa vida nunca vai ser a mesma. Além das perdas, precisamos lidar com a falta de empatia das pessoas. Toda hora recebemos algum comentário maldoso nas redes sociais", lamenta Talytta.

As irmãs contam que a tragédia teve início após a primeira semana de maio, depois que Dalylla visitou uma amiga, em uma cidade vizinha. "Foi uma infelicidade muito grande. Eu estava de folga e decidi encontrá-la", conta Dalylla.

No começo de maio, o país já enfrentava crescimento exponencial de casos e mortes e uma das principais orientações era o isolamento social. Mas Dalylla admite que não acreditava que poderia contrair o vírus no encontro com a amiga, pois não havia nenhum registro na região.

Ela comenta que foi à casa da amiga junto com o filho caçula, de nove meses. "Não era um churrasco ou uma festa. Era apenas um encontro de amigas", argumenta. No local, também havia uma outra mulher. "Ela era colega da minha amiga e tinha acabado de chegar do Sul do País. Ela deveria estar em quarentena, porque tinha voltado de viagem, mas estava lá."

"Essa conhecida brincou com o meu filho durante o encontro. Pode ser que nesse momento ela tenha passado o vírus para ele", diz Dalylla.

Dias depois, segundo Dalylla, a conhecida testou positivo para a Covid-19. Foi o primeiro caso confirmado na cidade vizinha.

Dalylla e o filho começaram a apresentar sintomas da Covid-19. "Tivemos febre e tosse, mas a princípio não demos importância. Passamos a desconfiar que poderia ser Covid-19 quando descobrimos que a mulher que havia testado positivo na cidade vizinha era aquela que esteve junto comigo e com a minha amiga", relata.

A mãe, os avós e a irmã do meio, Talytta, também apresentaram sintomas. A caçula, Samylla, e os dois filhos mais velhos de Dalylla não tiveram sintomas.

Os testes confirmaram que Dalylla e o caçula haviam sido infectados pelo Novo Coronavírus. "Desde os primeiros sintomas, ficamos em isolamento e comunicamos a todos que tivemos contato naqueles últimos dias. Como a minha mãe era da área da saúde, ela era muito preocupada com isso", comenta Samylla.

Os principais sintomas de Dalylla foram a falta de ar e a tosse. "Eu fiquei muito mal, mas não cheguei a ser internada. Tive muito cansaço e dor de cabeça", relembra. "Quando eu respirava, parecia que havia agulhas nos meus pulmões, porque doía muito", diz Talytta. As duas foram tratadas em casa, com o intenso apoio da mãe.

Lígia era considerada pelas filhas como uma fortaleza. Ela era técnica de enfermagem, mas há alguns anos havia deixado a função para trabalhar em uma associação comercial de Alto Araguaia.

"A minha mãe sempre foi guerreira e muito protetora. No período da Covid, ela não se deixava abater. Estava sempre ajudando a gente", diz Talytta.

Em um áudio para uma parente, Lígia desabafou. Ela disse que dormia pouco e parecia viver um pesadelo em razão do Coronavírus. No relato, contou que sentia dores por todo o corpo, mas precisava se manter forte, para não desmotivar as filhas e os pais.

O primeiro familiar a apresentar quadro grave foi o idoso Joaquim de Oliveira. Diabético, hipertenso, com problemas cardíacos e nos rins, ele teve intensa falta de ar, febre e foi levado ao hospital. Joaquim foi intubado, mas não resistiu. Ele faleceu em 26 de maio.

Lígia nunca soube da morte do pai. Ela foi internada no dia em que o idoso faleceu. Extremamente apegada a ele, os familiares optaram por contar sobre o falecimento somente quando ela melhorasse, para não prejudicar a recuperação dela. Porém, o quadro de saúde dela, que era hipertensa e tinha bronquite, se agravou cada vez mais.

"A minha mãe começou a ficar debilitada assim que meu avô piorou. Ela ficou abatida, porque sabia que meu avô não sobreviveria. Foi um choque para ela não poder fazer nada por ele", diz Samylla.

"Ela deu a vida por nós. Não caiu em nenhum momento, enquanto a gente estava ruim", relembra Talytta.

Um dos temores da técnica de enfermagem, durante a internação, era ser intubada. No entanto, diante da intensa falta de ar, não restou alternativa aos médicos. Lígia foi encaminhada para um hospital em Rondonópolis (MT). Em 5 de junho, ela não resistiu às consequências do Coronavírus.

"Ela era muito forte. Sempre foi uma guerreira. A gente tinha certeza de que a minha mãe sobreviveria, por isso não nos despedimos dela antes da internação. Foi tudo muito triste", emociona-se Samylla.

"Me sinto culpada"

Ao comentar sobre as mortes do avô e da mãe, Dalylla admite que se sente culpada. "É um culpa que vou ter sempre comigo, porque eu fui à casa da minha amiga aquele dia. Me sinto culpada porque isso custou a vida do meu avô e da minha mãe. Me sinto culpada por estar viva. É uma sensação muito ruim", relata, aos prantos.

As irmãs contam que passaram a receber diversas críticas em Alto Araguaia, desde que foram os primeiros casos confirmados. Após a morte do avô e da mãe, elas contam que a situação piorou.

"Falta muita empatia. Aquela cidade, infelizmente, se tornou um peso para a gente. As pessoas nos olhavam com muito preconceito por lá, como se a gente tivesse culpa de cada caso de covid-19. Mas nós nos isolamos logo no começo e informamos as pessoas com quem tivemos contato", diz Talytta.

"Há uma rodovia movimentada que passa pela cidade, a BR-364, e por isso sempre há gente de outros lugares por ali. Hoje, já existem pessoas contaminadas que nunca tiveram contato com a gente. Mas ainda assim, pensam que somos as únicas responsáveis pelo vírus por lá", afirma Talytta.

Assim como as irmãs, é comum que os primeiros diagnósticos em determinadas localidades sejam apontados por moradores como os responsáveis por levar o vírus para uma região. Porém, estudos sobre o Novo Coronavírus apontam que é difícil definir o primeiro caso em um lugar. Isso porque pode haver, por exemplo, pessoas com sintomas leves que transmitem o vírus, mas não procuram ajuda médica por acreditar que se trata de um resfriado comum. Desta forma, não entram para as estatísticas sobre a Covid-19.

Depois da morte da mãe e do avô, as irmãs, que moravam em uma casa alugada em Alto Araguaia, decidiram se mudar. Com a avó, de 68 anos, que também teve a Covid-19 e conseguiu se recuperar, elas se mudaram para um município em um Estado vizinho.

Na nova cidade, tentam pensar sobre o futuro. Dalylla e Samylla abandonaram os empregos em Alto Araguaia. Talytta não quer retornar para a Bolívia.

"Quero ficar por aqui para cuidar das minhas irmãs e minha avó. Penso em cursar Medicina ou Enfermagem, em homenagem à minha mãe", comenta Talytta. "Talvez eu faça Odontologia, porque trabalhava como auxiliar de dentista", diz Samylla.

Dalylla admite ter dificuldades para pensar sobre o futuro. "Não consigo fazer planos. Este fato revela a intensidade de um ato de intolerância que afeta uma família, desconstruindo suas vidas nos aspectos sociais, econômicos e principalmente emocional, o que é percebido na fala da Dalylla: "Não consigo fazer planos" e Samylla: "me sinto culpada".

O impacto na vida emocional das garotas diante deste fato configura-se como um fator que poderá ter consequência no decorrer de suas vidas, já que Goleman (2005) define a inteligência emocional como:

A capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos obstáculos; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de racionar, de se relacionar bem, ser empático e autoconfiante.

A partir das falas das garotas, no final da reportagem, “me sinto culpada” e “não consigo fazer planos, constata-se a fragilidade emocional que influencia na sua capacidade de se relacionar bem, ser empático e autoconfiante, afetando o aspecto afetivo, entre outros, que enriquecem o relacionamento interpessoal que, por sua vez, é de fundamental importância para o ser humano, enquanto ser social.

Considerações finais

O objetivo do Projeto de Extensão “Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais”, do Campus Universitário do Araguaia/ Universidade Federal de Mato Grosso” discutiu e proporcionou reflexões sobre o impacto da Pandemia em várias esferas da sociedade.

Segundo Selaibe (2009), o trabalho cotidiano de criar laços, fazer ligações, estabelecer e sustentar relações e, dessas práticas, construir valores, projetos com desdobramentos, realizações que contribuem é o único caminho que pode instaurar a tolerância entre os homens. Nas relações, estão implicadas as identificações. Quando temos laços de identificação com o outro podemos reconhecê-lo como semelhante a nós e, ao mesmo tempo, separado e diverso de nós. Nessa dinâmica, a civilização tem de oferecer algo que valha a pena pela inclusão – contrariamente à exclusão e à intolerância das diferenças, tão frequentes nos nossos dias.

A reflexão proposta pelo módulo “Intolerância nas relações interpessoais em tempos de Pandemia” revelou que este tema deve sempre ser trabalhado nos grupos sociais e educacionais para que as pessoas se conscientizem dos seus atos, mediante situações que lhes são adversas, e que todos os sujeitos têm sua singularidade, particularidade e sua forma de viver.

A partir das discussões realizadas durante os encontros, observou-se que as ações intolerantes estão presentes em nosso cotidiano e para minimizar esses comportamentos faz-se necessário refletir e nos conscientizar psicologicamente e socialmente para que a humanidade possa se relacionar a cada dia de uma forma mais harmônica para a prática do bem.

Referências

CARVALHO, T. Intolerância Religiosa. **Blog Politize**, Janeiro de 2018. Acesso em: 20.03.2021.

FUKS, B. B. **O Pensamento Freudiano sobre a Intolerância**. Psicologia Clínica. Rio de Janeiro. vol.19, n.1, p.59 – 73, 2007.

KIEFER, A. **Fundamentalismo religioso**: quando a fé se torna intolerante In: domtotal.com. Acesso em: 20.03.2021.

MAIA, B. R & DIAS, P. C. Ansiedade, Depressão e Estresse em Estudantes Universitários: o impacto da Covid-19. **Estudos de Psicologia**. (Campinas, 37, e200067)

NEVES, D. Nazismo. In <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/nazismo.htm>. Acesso em: 20.03.2021.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília, 2008.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa da COVID 19**. Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 20.03.2021.

PIOVESAN, F. Educação em Direitos Humanos no Brasil: desafios e perspectivas. IN: **Revista Jurídica da Presidência**. Brasília, 2012.

SCHMITT, R. M. A Intolerância ao longo do tempo – desafios e perspectivas na escola contemporânea. In: **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**, 2014.

SELAIBE, M. Intolerância e relações humanas. In: **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15 Região**. Campinas, 2009.

SELAIBE, M. **“Raízes Psíquicas da Intolerância”**. 2006. Disponível no site www.diversitas.fflch.usp.br. Acesso em: 20.03.2021.

SMALLI, S. Em sua carta. **Revista Entre teses**. Unifesp. 07 de Nov. 2016.

SOBRAL, J. M. & LIMA, M. L. A Epidemia da Pneumônica em Portugal no seu Tempo Histórico. **Ler História**, 73, 45-66 <http://dx.doi.org/lerhistoria.400036>.